

Famílias Adotivas Monoparentais: Todas Iguais ou Todas Diferentes? Um Estudo em Pós-Adoção

Laura Bagalho Ferruci

M

2025



UNIVERSIDADE DO PORTO
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

**FAMÍLIAS ADOTIVAS MONOPARENTAIS: TODAS IGUAIS OU TODAS
DIFERENTES?**
UM ESTUDO EM PÓS-ADOÇÃO

Laura Bagalho Ferruci

Outubro 2025

Dissertação apresentada no Mestrado em Temas de Psicologia, área de Psicologia do Desenvolvimento e Educação da Criança - Proteção e Direitos da Criança, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, orientada pela Professora Doutora Maria Adelina Acciaiuoli Faria Barbosa-Ducharne (FPCEUP) e coorientada pela Professora Doutora Joana Lara Soares (FPCEUP).

AVISOS LEGAIS

O conteúdo desta dissertação reflete as perspectivas, o trabalho e as interpretações do/da autor/a no momento da sua entrega. Esta dissertação pode conter incorreções, tanto conceituais como metodológicas, que podem ter sido identificadas em momento posterior ao da sua entrega. Por conseguinte, qualquer utilização dos seus conteúdos deve ser exercida com cautela.

Ao entregar esta dissertação, o/a autor/a declara que a mesma é resultante do seu próprio trabalho, contém contributos originais e são reconhecidas todas as fontes utilizadas, encontrando-se tais fontes devidamente citadas no corpo do texto e identificadas na secção de referências. O/A autor/a declara que não divulga na presente dissertação quaisquer conteúdos cuja reprodução esteja vedada por direitos de autor ou de propriedade industrial.

O/A autor/a declara, ainda, que utilizou ferramenta de inteligência artificial (ChatGPT) ao longo do processo de elaboração desta dissertação com o objetivo de obter apoio na tradução das fontes citadas, na revisão de clareza e coerência textual, bem como na verificação de aspectos gramaticais e ortográficos.

AGREDECIMENTOS

A Deus, por me conduzir com propósito e iluminar meu caminho ao longo desta jornada.

À minha orientadora, Professora Doutora Maria Adelina Acciaiuoli Faria Barbosa-Ducharne, pela partilha de conhecimento, pela cuidadosa orientação e pela inspiradora dedicação à área da proteção das crianças.

À minha coorientadora, Doutora Joana Lara Soares, pela disponibilidade, dedicação, apoio constante e contribuições valiosas.

À Doutora Sílvia e à Renata, expresso minha sincera gratidão pela confiança e por acreditarem em minha capacidade. O apoio e a abertura de ambas foram fundamentais para que esta conquista se tornasse possível.

Ao meu amor, Flávio, por caminhar ao meu lado, me apoiar em todos os momentos e trazer leveza e alegria durante esse percurso. Seu companheirismo tornou esta jornada ainda mais especial.

À minha família, meu alicerce e porto seguro: aos meus pais, pelo amor e apoio em cada passo; ao meu irmão e à minha cunhada, por existirem e me presentear, neste ano tão especial, com o meu primeiro e muito amado sobrinho, Enrico.

À minha querida avó Lygia, que partiu durante o percurso deste mestrado, deixo minha mais profunda gratidão. Sua presença permanece viva em mim —nas lembranças, nos valores que me transmitiu e no amor que sempre me inspirou.

À minha sogra, Silvana, pela generosidade, incentivo e apoio contínuo.

Às minhas primas e às queridas amigas, por estarem presentes com palavras de incentivo, escuta, conselhos e carinho ao longo do caminho.

Por fim, a todas as famílias que participam no Projeto AdoPt e possibilitaram a realização deste estudo. Muito obrigada!

RESUMO

A mudança no panorama atual da adoção revela um aumento expressivo de famílias monoparentais. Apesar deste crescimento, observa-se uma escassez de estudos dedicados a compreender as especificidades desta configuração familiar. A pouca evidência científica disponível indica que estas famílias são heterogêneas, embora frequentemente sejam retratadas na literatura sob o rótulo genérico de “famílias adotivas monoparentais”. Neste sentido, o estudo da diversidade presente neste grupo torna-se necessário para a compreensão das necessidades destas famílias e para a promoção de condições que contribuam para a adaptação das crianças e a estabilidade da adoção ao longo do tempo. O presente estudo exploratório teve como objetivo investigar a heterogeneidade das famílias adotivas monoparentais no período pós-adoção e identificar diferentes perfis de famílias a partir de variáveis relativas à experiência de adoção. Participaram do estudo 23 mães adotivas portuguesas. Uma análise de *clusters* com as variáveis relativas à experiência de adoção, stress parental, autoeficácia, expectativas, aceitação e satisfação permitiu a identificação de três perfis de famílias – adaptativo, intermédio e vulnerável. Verificou-se ainda que famílias com funcionamento parental adaptativo apresentaram menores níveis de depressão, menos problemas de comportamento nos filhos e maior estabilidade da adoção. Em contrapartida, famílias pertencentes ao perfil vulnerável apresentaram maiores níveis de depressão, percecionaram mais problemas de comportamento nos filhos e valores mais elevados de instabilidade. Os resultados destacam a importância das variáveis relativas à experiência de adoção analisadas na adaptação familiar e na estabilidade do vínculo adotivo em famílias adotivas monoparentais.

Palavras-chave: adoção monoparental; experiência de adoção; pós-adoção; estabilidade/instabilidade na adoção; análise de *clusters*.

ABSTRACT

The changing landscape of adoption has seen a significant increase in single-parent adoptive families. Despite this growth, there remains a scarcity of studies aimed at understanding the specificities of this family configuration. The limited scientific evidence available suggests that these families are heterogeneous, although they are often grouped under the generic label of “single-parent adoptive families”. In this context, exploring the diversity within this group is essential to understanding their needs and promoting conditions that support children’s adjustment and long-term adoption stability. This exploratory study aimed to investigate the heterogeneity among single-parent adoptive families in the post-adoption period and to identify distinct family profiles based on variables related to the adoption experience. The study included 23 Portuguese adoptive single mothers. A cluster analysis using variables related to the adoption experience, such as parenting stress, self-efficacy, expectations, acceptance, and satisfaction, identified three family profiles: adaptive, intermediate, and vulnerable. Families with adaptive parental functioning showed lower levels of depression, fewer child behavioural problems, and greater adoption stability. Conversely, families in the vulnerable profile presented higher levels of depression, perceived more behavioural problems in their children, and experienced higher levels of adoption instability. The findings underscore the relevance of the variables related to the adoption experience for adoptive family adjustment and adoption stability in single-parent adoptive families.

Keywords: single-parent adoption; adoption experience; post-adoption; adoption stability/instability; cluster analysis.

Introdução

Ao longo do tempo, têm ocorrido mudanças significativas na sociedade em relação às configurações familiares, com uma crescente diversidade de modelos que diferem das concepções tradicionais de família. Os padrões de casamento e família foram impactados pelas mudanças ocorridas nos últimos séculos, como a industrialização, o movimento feminista e a entrada da mulher no mercado de trabalho. Estes padrões passaram a diferenciar-se do modelo de família nuclear predominante no mundo ocidental (Ruggles, 2015; Silva & Smart, 1998). Neste novo cenário, novas configurações familiares emergiram e/ou tornaram-se mais frequentes, como as famílias formadas por pessoas do mesmo sexo, as recompostas, as monoparentais e as famílias adotivas (Georgas, 2006; Rubio & Perez, 2012).

Entre estas configurações, o crescimento das famílias monoparentais destaca-se como uma das mudanças mais significativas na estrutura familiar contemporânea (Yorks, 2021). A terminologia “família monoparental” surgiu na França num estudo desenvolvido em 1981 pelo Instituto Nacional de Estatística e de Estudos Económicos (INSEE), e hoje o fenómeno da monoparentalidade é conhecido e aceite no mundo ocidental como a comunidade formada por apenas um dos pais que vive com seu(s) filho(s) numa mesma habitação (Souza, 2008).

Embora as famílias monoparentais apresentem menor prevalência em relação às famílias biparentais, têm vindo a ganhar visibilidade e relevância no cenário social contemporâneo. O aumento expressivo dessa configuração familiar ao longo das últimas décadas tem despertado maior interesse académico e aumentado o volume de pesquisas dedicadas a compreender essa forma de organização familiar (Yorks, 2021).

Pesquisas com este tipo de família têm demonstrado que a ausência de um par parental não constitui, por si só, um fator prejudicial ao desenvolvimento saudável das crianças (Benatti et al., 2021). Oliva et al. (2014), por exemplo, ao compararem a qualidade do contexto familiar e o ajustamento das crianças em seis tipos de estrutura familiar (tradicional, monoparental, recomposta, adotiva, com pais do mesmo sexo e múltiplos nascimentos), concluíram que todas essas configurações podem promover o desenvolvimento positivo e o ajustamento das crianças, desde que proporcionem cuidados de qualidade e um ambiente estimulante, livre de conflitos e stress. Numa linha semelhante, Ceballo et al. (2001) compararam a qualidade dos relacionamentos familiares e o bem-estar em cinco tipos de famílias (adotivas, tradicionais, monoparentais, com madrasta e com padrasto) e sugeriram que os processos internos vivenciados por cada família exercem papel mais significativo do que a própria estrutura

familiar. Arranz et al. (2010) corroboram essa perspectiva, indicando que a qualidade da dinâmica familiar deve ser avaliada com base nas condições sociodemográficas e nas interações dentro de cada grupo familiar, e não no tipo de estrutura familiar.

As famílias monoparentais representam um grupo diverso, cujas características variam de acordo com o momento e a forma como a monoparentalidade se estabelece ao longo da vida (Bernardi & Larenza, 2018). Essa diversidade torna complexa a definição da população de interesse nos estudos, tendo em vista os múltiplos caminhos pelos quais uma pessoa pode tornar-se pai ou mãe *a solo*, bem como as diversas maneiras de ingresso na parentalidade, como, por exemplo, a adoção (Yorks, 2021).

A adoção monoparental constitui um fenómeno em ascensão, cada vez mais presente na sociedade (Díez et al., 2016; Levy & Feres-Carneiro, 2002; Silva et al., 2017). Diferentemente da monoparentalidade que surge de situações como a separação, o divórcio ou a viuvez, a monoparentalidade na adoção é fruto de uma decisão do indivíduo de exercer a parentalidade *a solo*. Esses pais têm a característica de se poderem preparar antecipadamente para a chegada do filho e, para eles, exercer a parentalidade *a solo* não é um problema, mas uma oportunidade (Van Gasse & Mortelmans, 2020).

As famílias adotivas monoparentais apresentam especificidades adicionais, que as diferenciam de outras configurações monoparentais, uma vez que, além dos desafios relativos ao exercício da parentalidade sem a presença de um cônjuge, vivenciam também as particularidades do processo adotivo, incluindo a adaptação da criança e da família ao novo ambiente, históricos de adversidade prévia, e a busca de validação social e institucional dessa forma de parentalidade (Agoglia & Rubio, 2019; Pakizegi, 2007; Roskam & Mikolajczak, 2023).

Tal como noutras configurações familiares, as famílias adotivas monoparentais não constituem um grupo homogêneo. A evidência científica disponível indica que estas famílias apresentam especificidades próprias que vão além dos motivos que levaram à monoparentalidade, como o nível de apoio recebido, as motivações para a adoção, a quantidade e o género de crianças adotadas e as habilidades parentais apresentadas (Pakizegi, 2012). A diversidade nesta configuração familiar é um aspeto relevante para compreender as suas dinâmicas, embora ainda existam poucos estudos dedicados ao tema (Pakizegi, 2007).

A maioria das famílias adotivas monoparentais é formada por mães. A literatura internacional descreve que a maioria destas mães possui ensino superior, ocupa cargos qualificados, dispõe de bons recursos financeiros e conta com redes de apoio (Díez et al., 2021; Layne, 2015; Mackenzie, 2023). Essas características fazem desse grupo um contexto

privilegiado para estudar os efeitos da monoparentalidade no desenvolvimento infantil, permitindo a separação desse fator de outras variáveis que podem influenciar, como, por exemplo, instabilidade financeira, baixo nível educacional, falta de apoio e dificuldades emocionais associadas a contextos de vulnerabilidade, como divórcio ou viuvez (Díez et al., 2016; Díez et al., 2021; Mackenzie, 2023; Van Gasse & Mortelmans, 2020).

A pesquisa realizada por Díez et al. (2021) com mães a *solo* por escolha, tanto por adoção como por técnicas de reprodução medicamente assistida, mostrou que seus filhos apresentavam bom ajustamento psicológico e social, com poucas diferenças quando comparados com crianças de famílias biparentais por reprodução medicamente assistida. Além disso, o estilo parental acolhedor e responsivo foi identificado como um preditor significativo de melhores resultados desenvolvimentais nas crianças. De forma semelhante, um estudo realizado por Tan (2004) com famílias adotivas, monoparentais e biparentais, revelou que não existiram diferenças significativas entre as duas configurações familiares em relação aos problemas de comportamento internalizados e externalizados das crianças.

Apesar de os estudos demonstrarem que a ausência de uma das figuras parentais não configura, por si só, um fator de risco para o desenvolvimento infantil, observa-se que essa configuração familiar ainda é alvo de preconceitos. Da mesma forma como ocorre com os outros arranjos familiares que diferem do modelo nuclear, a monoparentalidade pode sofrer estigmatização, o que, no contexto da adoção, costuma trazer um fator extra de complexidade (Agoglia & Rubio, 2019; Biasutti & Nascimento, 2021; Jociles et al., 2012; Mackenzie, 2023; Santos et al., 2011; Silva et al., 2017; Sohr-Preston et al., 2017).

Poveda et al. (2013) constataram que esse tipo de preconceito também aparece no discurso de profissionais que trabalham com a adoção. O estudo mostrou que a monoparentalidade é frequentemente associada a percepções negativas, apesar das evidências disponíveis de avaliações do período pós-adoção não sustentarem essas ideias. Nesse sentido, é necessário que os profissionais tenham consciência destas questões e combatam os seus próprios preconceitos, para que as suas práticas não se baseiem em padrões antigos que desconsideram as transformações sociais (Silva et al., 2017).

Apesar de ainda existirem preconceitos na sociedade, inclusive entre os profissionais da área, nota-se que restrições injustificadas à adoção, baseadas, por exemplo, nas características demográficas dos candidatos à adoção, foram tornando-se menos rígidas ao longo do tempo. Atualmente, os especialistas concordam que o mais importante para uma adoção bem-sucedida é atender às necessidades específicas da criança em questão, em vez de se preocupar, por exemplo, com o estado civil do adotante (Seeman, 2018).

Pakizegi (2007) destaca a importância de reconhecer tanto as especificidades quanto os estigmas sociais associados à monoparentalidade por adoção, a fim de auxiliar estas famílias a identificarem os seus próprios recursos e enfrentarem a internalização de preconceitos. A autora ressalta que famílias que reconhecem e elaboram as suas particularidades tendem a apresentar melhores indicadores de ajustamento e funcionamento do que aquelas que negam essas diferenças ou as veem de forma patologizante.

De acordo com a literatura, no passado, as pessoas singulares enfrentavam maiores dificuldades para adotar, porém, atualmente elas estariam sendo “recrutadas”, principalmente por demonstrarem maior disposição do que famílias biparentais, a adotar crianças com perfil de difícil colocação, ditas “crianças com necessidades adotivas particulares”, como as mais velhas, com deficiência, de diferentes raças ou outras barreiras (e.g., Seeman, 2018). Sobre a abertura dos pais a *solo* em relação ao perfil da criança, os resultados encontrados no estudo realizado por Raleigh (2012) confirmam que pais que estão mais marginalizados (como os monoparentais) são os mais propensos a adotar crianças que ocupam posições sociais igualmente marginalizadas.

Apesar da monoparentalidade, por si só, não dever ser compreendida como um fator de risco desenvolvimental, é importante reconhecer que pode representar um desafio extra para quem exerce a função parental (Agoglia & Torralba, 2015; Benatti et al., 2021; Roskam & Mikolajczak, 2023). Santos et al. (2011) reportaram que as principais dificuldades enfrentadas pelos pais na adoção monoparental estão relacionadas com o contexto socioeconómico e com a presença ou não de uma rede de apoio para auxiliar nos cuidados e na rotina com a criança. Pesquisas na área apontam que, tanto na visão dos profissionais que trabalham com adoção quanto na dos pais, ter uma rede de apoio é fundamental para as famílias monoparentais. As redes de apoio, sejam pessoais, familiares ou institucionais, representam recursos valiosos para a família adotiva e estão associadas à saúde e ao desenvolvimento humano. Além disso, a rede social de apoio contribui para legitimar os papéis parentais e ratificar a filiação (Levy, 2005).

A presença de rede de apoio também permite suprir a necessidade do outro na relação, ampliando as oportunidades de socialização e identificação do filho adotado (Santos et al., 2011). Entre as redes de apoio, destaca-se a família extensa, que tem um papel fundamental na inserção e no acolhimento da criança adotada. Biasutti e Nascimento (2021) reportam que a participação da família extensa é importante para apoiar a decisão dos pais e ajudar nos cuidados com os filhos, sendo que a presença de uma rede de apoio efetiva desempenha um papel fundamental para o bom funcionamento familiar e o *coping* com os desafios da adoção monoparental.

De acordo com Díez et al. (2016), vários estudos demonstraram que as mães a *solo* por escolha recorrem com maior frequência a diferentes tipos de apoio, comparativamente às famílias biparentais. Contudo, o recebimento de apoio não parece ser suficiente por si só para melhorar o bem-estar das pessoas que o recebem, sendo necessário também que elas se sintam apoiadas (apoio social percebido), ou seja, que tenham a percepção de contar com um apoio de qualidade, conforme apontado pelos autores (Díez et al., 2016), numa pesquisa que investigou a relação entre apoio social, satisfação com a vida e bem-estar de mães que adotaram sozinhas. O estudo concluiu que o apoio social é fundamental para enfrentar os desafios específicos da adoção a *solo*, como a sobrecarga emocional e os preconceitos sociais, e que mães com níveis mais elevados de satisfação com a vida apresentam melhor saúde mental e capacidade de lidar com os desafios da parentalidade (Díez et al., 2016). Além disso, também foi verificado que as mães adotivas monoparentais que estão mais satisfeitas com a sua rede de apoio também são as que estão mais satisfeitas com as suas vidas. Desse modo, os autores destacam a importância de políticas públicas e programas específicos para fornecer apoio psicológico e fortalecer redes de suporte, visando à inclusão e à qualidade de vida para essas mulheres e suas famílias (Díez et al., 2016).

Embora a maioria das adoções alcance desfechos positivos, as famílias adotivas monoparentais, assim como as demais, podem enfrentar situações que comprometem a estabilidade do vínculo adotivo, podendo, em alguns casos, resultar na interrupção da adoção. A literatura indica que a instabilidade não é determinada por um único fator, mas pela combinação de variáveis, que geralmente envolvem uma tríade de fatores relacionados com a criança, com os pais adotivos e com o suporte e serviços disponíveis (Barbosa-Ducharme & Marinho, 2019; Palacios et al., 2019). Entre os fatores relacionados com a criança, a existência de problemas emocionais e comportamentais é um dos elementos mais frequentemente associados à ruptura da adoção. Outro fator apontado é a idade avançada no momento da colocação na família adotiva, que geralmente indica uma maior exposição a adversidades prévias (Palacios et al., 2019; White et al., 2016).

Embora haja consenso na literatura quanto a alguns fatores da criança associados à instabilidade da adoção, os fatores associados aos pais adotivos não apresentam a mesma uniformidade. Isso ocorre, em grande parte, devido à variedade de abordagens utilizadas pelos pesquisadores, que tendem a investigar diferentes aspetos das características parentais de forma isolada, em vez de explorar as suas interações (Palacios et al., 2019). Entre os fatores associados aos pais adotivos, destacam-se aspetos relacionados com a saúde mental, e características da experiência parental de adoção, como o stress parental, as expectativas em

relação à adoção, a satisfação com a adoção, a aceitação da criança e a autoeficácia percebida no desempenho do papel parental (e.g., Aghakeshmiri et al., 2024; Anthony et al., 2019; Costa et al., 2020; Foli, Lim, et al., 2017; Paine et al., 2021; Raisanen, 2013; Sánchez-Sandoval, 2011; Santos-Nunes et al., 2018; Staines et al., 2019).

Em relação à saúde mental, a literatura aponta que sintomas depressivos são relativamente comuns entre pais adotivos nos primeiros anos após a chegada da criança (Mckay et al., 2010). Em um estudo longitudinal realizado por Anthony et al. (2019) com 96 pais adotivos, observou-se que *scores* mais altos de comportamentos internalizados das crianças e uma menor percepção de competência parental, nos primeiros meses após a adoção, estavam associados a níveis iniciais mais elevados de sintomas depressivos. Por outro lado, um maior sentido de competência parental, que envolve percepções de autoeficácia, satisfação e confiança no exercício da parentalidade, estava relacionado com menores níveis de depressão e com uma redução mais acentuada desses sintomas ao longo de quatro anos. Segundo os mesmos autores, pais com baixa autoeficácia tendem a experimentar níveis mais elevados de stress parental e a ter maior dificuldade no exercício funcional da parentalidade. Embora o estudo tenha incluído participantes monoparentais, não foram realizadas análises específicas para esse grupo (Anthony et al., 2019).

O stress parental também tem sido associado a desfechos negativos para pais e filhos. De acordo com Costa et al. (2020), o stress parental é multifatorial, estando relacionado com diferentes dimensões: características das crianças, como ajuste emocional e comportamental; características dos pais, como traços psicológicos, recursos emocionais e satisfação com a parentalidade; aspetos das interações entre pais e filhos; e a fatores externos, como o apoio social e estressores contextuais. Um estudo conduzido por Canzi et al. (2019) identificou que os pais que percebem mais problemas nos filhos relatam níveis mais altos de stress parental.

Por outro lado, a literatura indica que alguns fatores podem minimizar os efeitos negativos do stress parental nas famílias adotivas e atuar como protetores. Entre esses fatores, destaca-se a autoeficácia parental, compreendida como a crença dos pais de que estão cumprindo adequadamente seu papel (Raisanen, 2013). Diversos estudos associam autoeficácia e qualidade parental, indicando que pais com elevada autoeficácia tendem a lidar melhor com comportamentos desafiadores dos filhos, trazendo um efeito positivo à adaptação das crianças (Aghakeshmiri et al., 2024; Glatz et al., 2024; Kohlhoff & Barnett, 2013). Além disso, a autoeficácia parental pode contribuir para uma maior estabilidade da adoção (Marinho et al., 2012; Staines et al., 2019).

Outro fator relevante identificado na literatura refere-se à manutenção de expectativas realistas e flexíveis em relação à criança e ao processo adotivo. Expectativas realistas estão associadas a menores níveis de stress parental, maior satisfação parental e percepções mais favoráveis dos comportamentos infantis, contribuindo para um melhor ajustamento familiar (Santos-Nunes et al., 2018). Num estudo longitudinal conduzido por Foli, Lim, et al. (2017), verificou-se que expectativas ajustadas à realidade da parentalidade adotiva atuam como fator protetor da saúde mental dos pais, favorecendo a adaptação à nova estrutura familiar e a segurança nos vínculos dos filhos aos pais (Foli, Lim, et al., 2017). A literatura aponta também que expectativas mais ajustadas à realidade estão associadas a uma maior qualidade na interação entre pais e filhos e a uma maior satisfação parental após a colocação da criança (Reilly & Platz, 2003). A satisfação parental, no contexto da adoção, pode ser definida como a percepção dos pais sobre o cumprimento de suas expectativas, o grau de gratificação com a experiência adotiva e a avaliação positiva da adoção (Nalavany et al., 2009). Sánchez-Sandoval (2011) reporta maior insatisfação com a adoção em famílias cujos filhos apresentam mais problemas de comportamento.

Outra dimensão importante para a qualidade da relação entre pais e filhos é o nível de aceitação desses pais em relação às crianças. A aceitação parental refere-se aos comportamentos de afeto e cuidado dirigidos aos filhos, indicando a capacidade parental de responder de modo sensível, consistente e previsível às necessidades das crianças (Lorijn et al., 2022). Num estudo longitudinal realizado por Paine et al. (2021) no Reino Unido, foi demonstrado que um estilo parental adotivo caracterizado por afeto e sensibilidade está associado à diminuição significativa de problemas emocionais e comportamentais dos filhos ao longo do tempo, destacando o papel protetor da parentalidade calorosa no ajustamento psicológico dos filhos.

Embora existam evidências empíricas sobre variáveis associadas ao ajustamento familiar e à estabilidade nas adoções de forma geral, há uma lacuna na literatura no que se refere especificamente às famílias adotivas monoparentais. Assim, aprofundar a compreensão das particularidades dentro desse grupo pode contribuir para a prevenção da instabilidade na adoção e orientar intervenções mais ajustadas a este tipo de família adotiva.

O Presente Estudo

A maioria dos estudos sobre famílias concentra-se no modelo nuclear biparental, sendo observada uma lacuna na literatura sobre a pluralidade de arranjos familiares, como a monoparentalidade (Benatti et al., 2021). No caso das famílias adotivas monoparentais, essa

lacuna é ainda maior, refletindo a escassez de pesquisas que abordem especificamente essa configuração familiar (Pandya, 2023; Thomas & Gibby, 2019). Esse fator, juntamente com o aumento de busca pela adoção por famílias monoparentais, ressalta a importância de se conhecer melhor estas realidades, para a ampliação da compreensão dos desafios e potencialidades presentes nessas famílias (Biasutti & Nascimento, 2021).

O presente estudo visa contribuir para o preenchimento desta lacuna, ao investigar a heterogeneidade observada em famílias adotivas monoparentais, através de uma amostra de famílias adotivas portuguesas, em período de pós-adoção. Deste modo, o principal objetivo do presente estudo foi identificar tipos de famílias adotivas monoparentais, por meio de uma análise de *clusters* com variáveis relativas à experiência de adoção. Para a identificação de diferentes tipos de famílias monoparentais foram incluídas as variáveis de stress parental, concretização de expectativas parentais, aceitação parental, satisfação parental e autoeficácia parental. Adicionalmente, pretende-se caracterizar os tipos de famílias adotivas monoparentais relativamente a características sociodemográficas das mães e da criança, variáveis do passado e problemas de comportamento/dificuldades de saúde mental da criança e variáveis relativas à mãe, como depressão e apoio social. Finalmente, pretende-se explorar a relação entre os diferentes tipos de famílias monoparentais e o grau de estabilidade/instabilidade da adoção.

Método

Participantes

Participaram neste estudo 23 mães de famílias adotivas monoparentais residentes em Portugal, com idades compreendidas entre 39 e 58 anos ($M = 49.43$, $DP = 4.80$). No momento da adoção tinham idades compreendidas entre 36 e 54 anos ($M = 43.09$, $DP = 4.70$). A maioria tinha ensino superior ($n = 16$, 69.6%). Em relação à situação profissional, 22 mães estavam empregadas (95.7%) e uma não trabalhava por opção (4.3%).

Estas mães tinham adotado 23 crianças, 13 (56.5%) do sexo masculino e 10 (43.5%) do sexo feminino. Todas as crianças eram filhas únicas das suas mães adotivas. No momento da recolha de dados tinham idades compreendidas entre os 2.5 e 19 anos ($M = 11.73$, $DP = 4.46$). No que concerne à escolaridade, no momento da recolha de dados, duas (8.7%) frequentavam a creche, uma (4.3%) frequentava o Jardim de Infância, seis crianças (26.1%) frequentavam o 1.º ciclo do Ensino Básico (1.º ao 4.º ano), quatro crianças (17.4%) frequentavam o 2.º ciclo do Ensino Básico (5.º e 6.º anos), seis crianças (26.1%) frequentavam o 3.º ciclo do Ensino Básico (7.º ao 9.º ano) e quatro (17.4%) frequentavam o ensino secundário (10.º ao 12.º ano).

Relativamente à sua história passada, antes da adoção, as crianças estiveram, em média, dois anos e meio na família biológica ($M = 2.33$, $DP = 2.48$, $Min. = 0.00$, $Máx. = 8.00$) e três anos em acolhimento ($M = 2.92$, $DP = 1.56$, $Min. = 0.33$, $Máx. = 6.00$). A modalidade de acolhimento foi para 21 crianças (91.3%) o acolhimento residencial e para duas (8.7%), o acolhimento familiar. Em média, estas crianças foram adotadas quando tinham cinco anos de idade ($M = 5.39$, $DP = 3.17$, $Min. = 0.33$, $Máx. = 12.50$) e, à data do estudo, estavam com as suas famílias adotivas, em média, há 6.33 anos ($DP = 3.25$, $Min. = 0.33$, $Máx. = 10.00$).

No que diz respeito aos motivos de retirada das crianças das suas famílias biológicas, 18 (78.3%) crianças foram retiradas por experiências de negligência, sete crianças (30.4%) por abandono, cinco crianças (21.7%) por maus-tratos físicos, quatro crianças (17.4%) por maus-tratos psicológicos e uma criança (4.3%) por abuso sexual. Destas retiradas, oito (34.8%) resultaram de mais do que um motivo. Apenas quatro crianças (17.4%) tinham tido consentimento para adoção.

Instrumentos

Escala de Stress Parental (PSS; Berry & Jones, 1995)

Foi utilizada a versão traduzida e adaptada para a língua portuguesa da Escala de Stress Parental (PSS; Berry & Jones, 1995). O instrumento foi traduzido para a língua portuguesa por Mixão et al. (2010) e adaptado para o âmbito da adoção por Barbosa-Ducharme e Soares (2021a). Este instrumento avalia os aspetos positivos (por exemplo, benefícios emocionais e desenvolvimento pessoal) e negativos (exigências de recursos e restrições) da parentalidade. É composto por 18 itens, que descrevem sentimentos e perceções sobre a experiência de ser pai/mãe (e.g., “A maior fonte de stress na minha vida é o/a meu/minha filho/a”; “Ter um/uma filho/a dá-me uma perspetiva mais otimista do futuro”), avaliados numa escala de *Likert* de 5 pontos (1 = *Discordo Totalmente* a 5 = *Concordo Totalmente*). A pontuação total pode variar entre 18 e 90, tendo sido alguns itens recodificados, de forma que uma pontuação mais alta significasse um maior nível de stress parental. Contudo, no presente estudo foi usado o valor médio da pontuação total dos itens, e não o seu somatório.

De acordo com o estudo fatorial de Algarvio et al. (2018), os itens podem ser agrupados numa estrutura de quatro subescalas - Estressores Parentais, Satisfação Parental, Falta de Controlo, e Medos e Ansiedades, que refletem o stress parental, as recompensas da parentalidade, a perceção de perda de controlo e as preocupações com o desempenho parental.

Neste estudo foi apenas usada a escala total de stress parental, a qual revelou uma alta consistência interna ($\alpha = .93$).

Escala de Concretização de Expectativas Parentais (Barbosa-Ducharne & Soares, 2021b)

Para avaliar as expectativas parentais foi usada a Escala de Concretização de Expectativas Parentais (Barbosa-Ducharne & Soares, 2021b), desenvolvida no contexto do Projeto AdoPt e baseada nos trabalhos de Foli, Lim, et al. (2017) e Foli, Hebdon, et al. (2017). A escala é composta por 30 itens, todos iniciados por “*Eu pensava...*”, por exemplo, “*...que estava preparado/a para adotar.*”, avaliados numa escala tipo *Likert* de 5 pontos, desde 1 = *Isto concretizou-se menos do que eu esperava* até 5 = *Isto concretizou-se mais do que eu esperava*. Há ainda a opção extra “*Não tinha expectativa/ Não se aplica*”. Neste estudo, foi usada uma pontuação total de concretização de expectativas parentais que resulta da média das pontuações obtidas nos 30 itens. No presente estudo, esta medida apresentou uma muito boa consistência interna, $\alpha = .88$.

Escala de Aceitação Parental - PAS (Orme et al., 2007; Schaefer, 1965; Schludermann & Schludermann, 1970)

Foi utilizada a versão para pais da Subescala de Aceitação Parental (*Parental Acceptance Scale – PAS*) do *Child’s Report of Parent Behavior Inventory* (CRPBI; Orme et al., 2007; Schaefer, 1965; Schludermann & Schludermann, 1970), traduzida e adaptada para a língua portuguesa (Barbosa-Ducharne et al., 2021). O instrumento avalia a atitude dos pais face aos comportamentos dos filhos, em relação à comunicação, partilha de sentimentos e trabalho em conjunto. É constituído por 10 itens (e.g., “*Dou ao/à meu filho/minha filha muito carinho e atenção*”; “*Gosto de fazer coisas com o(a) meu filho/minha filha; Faço a minha filha/o meu filho sentir-se a pessoa mais importante da minha vida*”), avaliados numa escala do tipo *Likert* de 3 pontos (1 = *Nada como eu* a 3 = *Muito como eu*). A pontuação total corresponde à média da pontuação de todos os itens, ou seja, quanto mais alta for, maior será a medida de aceitação parental. No presente estudo, esta medida apresentou uma excelente consistência interna, $\alpha = .94$.

Kansas Parental Satisfaction Scale (Schumm & Hall, 2007)

Para avaliar a satisfação parental foi usada a *Kansas Parental Satisfaction Scale* (Schumm & Hall, 2007), traduzida e adaptada para a língua portuguesa (Soares & Barbosa-Ducharne, 2021). A medida avalia a satisfação pessoal em relação à parentalidade, ao

comportamento das crianças e à relação com os filhos, em três itens - “Quão satisfeito/a está com o comportamento do/a seu filho/sua filha?”, “Quão satisfeito/a está consigo mesmo como pai/mãe?” e “Quão satisfeito/a está com a sua relação com o/a seu filho/sua filha?” - através de uma escala tipo *Likert* de 7 pontos, de 1 = *Extremamente Insatisfeito* a 7 = *Extremamente Satisfeito*. A escala final de satisfação resulta da média dos três itens. No presente estudo, esta medida apresentou uma excelente consistência interna, $\alpha = .93$.

Brief Parental Self-Efficacy Scale – BPSES (Woolgar et al., 2023)

Para avaliar a autoeficácia parental recorreu-se à *Brief Parental Self Efficacy Scale* (BPSES; Woolgar et al., 2023), traduzida e adaptada para a língua portuguesa (Soares et al., 2021a). Trata-se de uma escala de autorrelato, respondida pelos próprios pais, composta por cinco itens (e.g., “Apesar de nem sempre conseguir gerir, eu sei o que tenho de fazer com a minha filha/o meu filho.”), avaliados numa escala tipo *Likert* de 5 pontos (1 = *Discordo Totalmente* a 5 = *Concordo Totalmente*). A pontuação total é calculada através da soma da pontuação dos cinco itens e varia entre cinco e 25 pontos. No contexto deste estudo, para uniformizar a unidade de medida de todas as variáveis, foi usada a média dos itens e não o somatório das pontuações. Pontuações mais elevadas indicam níveis mais elevados de autoeficácia parental. No presente estudo, esta medida apresentou uma excelente consistência interna, tendo sido obtido um valor de $\alpha = .90$.

Questionário Sociodemográfico (Projeto AdoPt, 2021)

Este instrumento possibilitou a recolha de informações gerais sobre as figuras parentais (e.g., idade, sexo, nível de escolaridade, situação laboral), as crianças adotadas (e.g., idade, sexo) e a estrutura familiar (e.g., número de membros da família e tipo do grupo de irmãos).

Brief Assessment Checklists for Children and Adolescents - BAC (Tarren-Sweeney, 2013, 2019)

O *Brief Assessment Checklist* (BAC), desenvolvido por Tarren-Sweeney (2013, 2019) e traduzido para português por Barbosa-Ducharne e Soares (2021c, 2021d), é um instrumento de rastreio e monitorização de dificuldades de saúde mental, particularmente problemas de vinculação e trauma (Tarren-Sweeney et al., 2019), especificamente desenvolvido para as crianças e adolescentes que navegam o Sistema de Promoção e Proteção de Crianças e Jovens (Tarren-Sweeney, 2013). Este instrumento é composto por duas versões, uma para as crianças (*Brief Assessment Checklist for Children - BAC-C*) e outra para os adolescentes (*Brief*

Assessment Checklist for Adolescents - BAC-A), ambas utilizadas neste estudo, derivadas do *Assessment Checklist for Children* (ACC) e do *Assessment Checklist for Adolescents* (ACA), respetivamente (Tarren-Sweeney et al., 2019). Ambas as versões – crianças e adolescentes – são constituídas por 20 itens avaliados através de uma escala de *Likert* de 3 pontos (0 = *Não se aplica à/ao minha/meu filha(o)*; 1 = *Aplica-se parcialmente à/ao minha/meu filha(o)*; 2 = *Aplica-se totalmente à/ao minha/meu filha(o)*), para os 16 primeiros itens, e 0 = *Nunca se verificou nos últimos 4-6 meses*; 1 = *Verificou-se uma vez nos últimos 4-6 meses*; 2 = *Verificou-se mais do que uma vez nos últimos 4-6 meses*, para os últimos quatro itens).

A primeira parte inclui itens mais prevalentes, por exemplo, “*Esconde os sentimentos*”, “*Falta de culpa ou empatia*”, “*Excessivamente amigável com estranhos*”. A segunda parte inclui itens relacionados a dificuldades mais graves, como por exemplo, “*Perturbado(a) por memórias traumáticas*”, “*Comportamento sexual inadequado para sua idade*”.

Como medida global é utilizado o *score* total. De acordo com Tarren-Sweeney et al. (2019), uma pontuação total igual ou superior a 7 é considerada clinicamente significativa. No presente estudo, a escala BAC-C revelou uma excelente consistência interna, $\alpha = .93$ e a escala BAC-A um bom índice de consistência interna, $\alpha = .85$.

Escala de Depressão do Centro de Estudos Epidemiológicos - CES-D (Radloff, 1977)

O nível de depressão dos adotantes foi analisado através da *Center for Epidemiological Studies Depression Scale* (CES-D, Radloff, 1977; versão em português por Soares et al., 2021b). A CES-D avalia a frequência de sintomas depressivos durante a semana anterior, sendo composta por 20 itens avaliados em uma escala de *Likert* de 4 pontos (0 = *raramente ou nenhum momento*; 3 = *na maior parte ou todo o tempo*). Exemplos de itens incluem: “*Senti que tudo o que eu fazia exigia muito esforço*” e “*Meu sono foi agitado*”. Esse questionário de autorrelato também permite avaliar a gravidade dos sintomas depressivos por meio de uma pontuação total que varia de 0 a 60 (≤ 16 = sem depressão ou depressão leve; 17–23 = depressão moderada; 24 ou mais = depressão grave). No presente estudo, esta medida apresentou uma excelente consistência interna, $\alpha = .95$.

Questionário da Rede de Suporte e Apoio Especializado para Famílias Adotivas (Barbosa-Ducharne & Soares, 2021e)

O apoio pós-adoção sentido pelas famílias adotivas foi avaliado por meio do instrumento da *Rede de Suporte e Apoio Especializado para Famílias Adotivas*, traduzido e adaptado por Barbosa-Ducharne e Soares (2021e), da *Escala de Funções da Rede de Suporte*

Social da família (Almeida et al., 2012). A adaptação do instrumento conta com 13 itens, sendo dois a mais do que o original, que descrevem tipos de apoio que a família (adotiva) usufrui (e.g., “Alguém que a (o) ajude a tomar conta do(a) seu/sua filho(a)”; “Alguém que a(o) ajude nas tarefas domésticas”; “Alguém que o (a) ajude a manter tempo para si”; “Alguém a quem possa fazer perguntas sobre questões de adoção”), cuja resposta é avaliada numa escala tipo Likert de 5 pontos (1 = Nunca a 5 = MUITÍSSIMAS Vezes/Sempre), avaliando a frequência com que a família tem usufruído desse apoio. Adicionalmente, para cada questão, os respondentes devem indicar a quem recorrem quando necessitam desse apoio (“A quem pede essa ajuda”), avaliando, assim, para cada tipo de apoio, o tipo de recursos disponíveis a que recorrem.

Por fim, a adaptação do instrumento conta com duas questões relativas à procura de apoio especializado em adoção (e.g., “Já alguma vez recorreu a um profissional/serviço especializado em adoção?” e o grau de satisfação com o serviço, em caso de resposta afirmativa). No presente estudo, esta medida apresentou uma boa consistência interna, $\alpha = .81$.

Instabilidade em Pós-Adoção (Barbosa-Ducharme et al., 2024)

Para avaliar a instabilidade pós-adoção, foi utilizada uma medida desenvolvida no âmbito do Projeto Adopt, Índice de Instabilidade da Adoção (Barbosa-Ducharme et al., 2024), a partir de três medidas, respetivamente, *Dificuldades Objetivas*, *Dificuldades Subjetivas* e *Compromisso do Adotante*. O Índice de Instabilidade da Adoção inclui 33 itens (e.g., *Quanto difícil é para si a rotura das rotinas familiares? Quanto preocupada se sente com o futuro do seu filho?*), cotados numa escala tipo Likert de 5 pontos (1 = Nada a 5 = Muito). O score total da escala é obtido pela média das pontuações das três medidas. Alguns itens tiveram de ser recodificados de modo a que valores mais elevados traduzissem níveis mais altos de instabilidade. No presente estudo, o Índice de Instabilidade da Adoção revelou uma excelente consistência interna, $\alpha = .98$.

Procedimentos

O presente estudo integra um projeto mais amplo, intitulado *AdoPt – Follow-up em Pós-Adoção: Capacidades, dificuldades e necessidades de famílias adotivas portuguesas* (Barbosa-Ducharme et al., 2023), financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT). Este projeto longitudinal desenvolve-se em três momentos distintos: T1, T2 e T3. A recolha de dados realiza-se online, sendo que o T2 inclui também um momento presencial, com entrevistas face a face a pais e a filhos. O projeto é conduzido por uma equipa de investigadores da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto (FPCEUP) e

do Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa – Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL). O projeto foi aprovado pela Comissão de Ética da FPCEUP (Ref. 2021/04-06), sendo acompanhado pela Unidade de Proteção de Dados da Universidade do Porto, de forma a garantir o Regime Geral de Proteção de Dados (RGPD).

O principal objetivo do projeto é preencher a lacuna de dados empíricos sobre as trajetórias das famílias adotivas no período de pós-adoção, visando à criação de um sistema de acompanhamento capaz de identificar precocemente sinais de instabilidade e, quando necessário, encaminhar essas famílias para serviços especializados de apoio. Paralelamente, o projeto pretende fortalecer a rede de suporte entre os adotantes.

Seleção da Amostra e Recolha de Dados

A amostra deste estudo é composta por participantes do T1 do Projeto AdoPt, englobando as famílias monoparentais que participaram entre março de 2022 e abril de 2025. O Projeto AdoPt, de abrangência nacional, tem como critérios de inclusão que a criança ou adolescente tenha idade entre 2 e 19 anos. Para o recrutamento das famílias participantes, a equipa de pesquisa contou com a colaboração do Instituto de Segurança Social, Instituto Público (ISS - IP), que, através das diversas equipas técnicas de adoção distribuídas pelo território nacional, entrou em contacto com as famílias via e-mail. Posteriormente, o Projeto AdoPt foi amplamente divulgado por diferentes meios de comunicação, com o objetivo de alcançar um número mais expressivo de famílias adotivas. Adicionalmente, recorreu-se à amostragem não probabilística em bola de neve, através da qual algumas famílias participantes indicaram o projeto a outras.

As famílias que decidiram participar realizaram o seu registo na plataforma *myAdoPt*, utilizando um código de acesso enviado previamente por e-mail. Durante o processo de inscrição, os participantes tiveram acesso ao termo de consentimento informado, no qual constavam os objetivos e procedimentos do estudo, bem como as garantias de confidencialidade, privacidade e inviolabilidade dos dados coletados. Os participantes foram informados de que poderiam optar por não responder a determinadas questões ou questionários, além de terem a liberdade de abandonar o estudo a qualquer momento, caso assim desejassem. Para o presente estudo, a coleta de dados foi inteiramente realizada em ambiente digital, por meio da plataforma *Microsoft Dynamics 365* (disponível em <https://myadopt.pt/>), desenvolvida exclusivamente para o Projeto AdoPt. Os instrumentos aplicados incluíram questionários, inventários e escalas pertencentes aos protocolos da fase T1.

Análise de Dados

Para o processamento e análise de dados, utilizou-se o *software Statistical Package for the Social Sciences (SPSS)* versão 29. Inicialmente, para a caracterização da amostra, foram analisadas as frequências e as descritivas das variáveis sociodemográficas das participantes/mães, das crianças adotadas e do seu passado. A seguir, foi conduzida uma análise bivariada das variáveis da parentalidade em estudo. A distribuição normal das variáveis foi verificada através dos valores de assimetria e curtose (Kline, 2011). Posteriormente, foram calculados os *scores z*.

Em seguida, realizou-se uma análise de *clusters*, utilizando uma combinação dos métodos hierárquico (a fim de explorar o número mais adequado de *clusters*) e, posteriormente, não-hierárquico (*K-means*), conforme Hair, Anderson, Tatham, & Black (1998). Foram usadas as variáveis da experiência de adoção, stress parental, concretização de expectativas, aceitação, satisfação e autoeficácia parental, anteriormente apresentadas, para definir os *clusters*. Estas variáveis foram estandardizadas, e os respectivos *scores z* foram utilizados nas análises dos *clusters*, garantindo que todos os itens tivessem uma única escala de medida. A análise com método hierárquico permitiu verificar um número ideal de três *clusters*, sendo este número adotado no método não-hierárquico. Na sequência, foi realizada uma *one-way* ANOVA para a comparação de médias entre os *clusters*, nas variáveis utilizadas na sua definição. Foram utilizados os testes *post hoc* de Gabriel e de Games-Howell para identificar as diferenças entre os grupos, escolhendo-se o teste conforme a presença ou ausência de homogeneidade das variâncias.

A fim de caracterizar os tipos de famílias adotivas monoparentais relativamente a 1) características sociodemográficas das mães e da criança; 2) variáveis do passado e os problemas de comportamento/dificuldades de saúde mental dos filhos; 3) depressão materna; 4) apoio social e 5) grau de estabilidade/instabilidade na adoção procedeu-se a *one-way* ANOVA para a comparação entre os *clusters* das médias obtidas relativamente a estas variáveis. Novamente e conforme descrito na etapa anterior, os testes *post hoc* de Gabriel e Games-Howell foram utilizados para observar as diferenças entre os grupos.

Resultados

Estatísticas Descritivas e Intercorrelações das Variáveis de Experiência de Adoção

A Tabela 1 apresenta os resultados descritivos e a matriz de correlações entre as variáveis de experiência de adoção analisadas no presente estudo, o stress parental ($M = 2.22$,

$DP = 0.79$, $Min. = 1.22$, $Máx. = 4.33$), a concretização de expectativas parentais ($M = 3.39$, $DP = 0.71$, $Min. = 2.07$, $Máx. = 4.43$), a aceitação parental ($M = 2.70$, $DP = 0.41$, $Min. = 1.80$, $Máx. = 3.00$), a satisfação parental ($M = 5.32$, $DP = 1.49$, $Min. = 1.67$, $Máx. = 7.00$) e a autoeficácia parental ($M = 4.12$, $DP = 0.69$, $Min. = 2.60$, $Máx. = 5.00$). As variáveis em estudo encontravam-se todas significativamente correlacionadas entre si, variando as correlações de moderadas a fortes (cf. Tabela 1).

Análise de Clusters: Perfis de Famílias Adotivas Monoparentais

A partir destas variáveis de experiência de adoção, foi realizada uma análise de *clusters* a fim de identificar perfis de famílias. A análise de *clusters* identificou três perfis distintos de famílias adotivas monoparentais. A Tabela 2 apresenta os resultados da comparação entre os três *clusters* identificados. Observaram-se diferenças estatisticamente significativas entre os três grupos em todas as variáveis de parentalidade, com tamanhos de efeito grandes ($\eta^2 = .43$ a $.87$).

O *Cluster 2* apresentou média significativamente mais baixa de stress parental e médias significativamente mais altas de concretização de expectativas parentais, aceitação parental, satisfação parental e autoeficácia parental, quando comparado aos *Clusters 1* e *3*, evidenciando um Perfil Parental Adaptativo. A análise dos resultados mostra que o *Cluster 2* é composto por famílias com experiências de adoção positivas e um funcionamento parental adaptativo.

O *Cluster 1* apresentou um perfil moderado, com médias intermédias nas diferentes variáveis de experiência de adoção analisadas. O nível de stress parental foi significativamente mais elevado do que o observado no *Cluster 2*, porém, significativamente inferior ao do *Cluster 3*. De forma semelhante, as médias das variáveis de concretização de expectativas, aceitação, satisfação e autoeficácia parental foram significativamente mais baixas em comparação com as do *Cluster 2*. Por outro lado, as médias de satisfação e autoeficácia parental foram significativamente mais elevadas do que as do *Cluster 3*, não se verificando diferenças significativas entre os dois grupos apenas nas variáveis de concretização de expectativas parentais e aceitação parental. Este grupo parece incluir famílias com recursos parentais moderados.

O *Cluster 3*, por sua vez, apresentou os indicadores mais desfavoráveis entre os grupos, sendo caracterizado por elevado stress parental, baixa satisfação parental e baixa autoeficácia parental. No que diz respeito à aceitação parental e à concretização de expectativas, o *Cluster 3* apresentou os valores médios mais baixos quando comparado com os outros dois *clusters*, só sendo, contudo, significativas as diferenças com o *Cluster 2*. Esse perfil representa um grupo

vulnerável no exercício da parentalidade adotiva, marcado por dificuldades na experiência parental de adoção.

Por conseguinte, estes *clusters* foram nomeados conforme as características observadas: *Cluster 1* – Perfil Intermédio, com Recursos Parentais Moderados; *Cluster 2* – Perfil Adaptativo, com Elevados Recursos Parentais; *Cluster 3* – Perfil Vulnerável, com Baixos Recursos Parentais.

Diferenças entre os Perfis de Famílias Adotivas Monoparentais em Variáveis Relativas à Criança, às Mães, ao Apoio Social e à Instabilidade na Adoção

A Tabela 3 apresenta a análise comparativa entre os três *clusters* quanto às variáveis de depressão materna, características sociodemográficas das mães e dos filhos, características do passado dos filhos, problemas de comportamento/dificuldades de saúde mental das crianças, apoio social percebido e instabilidade da adoção.

Foram observadas diferenças estatisticamente significativas entre os grupos nas variáveis: depressão materna, $F(2, 22) = 28.04, p < .001, \eta^2 = .74$, problemas de comportamento das crianças/dificuldades de saúde mental, $F(2, 22) = 9.10, p < .010, \eta^2 = .50$, apoio social percebido, $F(2, 22) = 4.49, p < .010, \eta^2 = .31$ e instabilidade da adoção, $F(2, 22) = 44.20, p < .001, \eta^2 = .82$ (cf. Tabela 3).

O *Cluster 2*, que corresponde ao perfil com elevados recursos parentais, apresentou os indicadores mais favoráveis entre os grupos. Foram verificadas médias significativamente mais baixas de depressão ($M = 0.34, DP = 0.33$), quando comparadas com as do *Cluster 1* ($M = 0.95, DP = 0.44$) e, sobretudo, com as do *Cluster 3* ($M = 2.30, DP = 0.42$). Da mesma forma, as médias dos problemas de comportamento/dificuldades de saúde mental dos filhos ($M = 0.58, DP = 0.35$) foram significativamente menores do que as dos *Clusters 1* ($M = 1.03, DP = 0.17$) e 3 ($M = 1.45, DP = 0.21$), as quais não diferiram entre si.

Relativamente à instabilidade da adoção, o *Cluster 2* apresentou os níveis mais baixos ($M = 1.78, DP = 0.39$), evidenciando maior estabilidade na adoção, em contraste com a média significativamente mais elevada observada no *Cluster 3* ($M = 4.24, DP = 0.51$), enquanto o *Cluster 1* se situou em posição intermédia ($M = 2.81, DP = 0.35$). Já a perceção de apoio social foi significativamente maior no *Cluster 3* ($M = 3.15, DP = 0.76$) em comparação com os *Clusters 1* ($M = 2.09, DP = 0.28$) e 2 ($M = 2.59, DP = 0.50$), que não diferiram entre si (cf. Tabela 3).

No que diz respeito às variáveis idade da criança, idade de adoção, tempo em acolhimento, tempo na família biológica, tempo de adoção e idade das mães, não foram

observadas diferenças estatisticamente significativas entre os *clusters*, indicando que estas variáveis não diferenciam os perfis identificados neste estudo. A Tabela 3 apresenta estes resultados.

Discussão

O presente estudo teve como principal objetivo identificar diferentes perfis de famílias adotivas monoparentais portuguesas, por meio de uma análise de *clusters*, categorizando-as a partir de variáveis de experiência da adoção - stress parental, concretização de expectativas parentais, aceitação parental, satisfação parental e autoeficácia parental. Adicionalmente, buscou-se caracterizar os perfis identificados com características sociodemográficas das mães e das crianças, variáveis do passado e problemas de comportamento/dificuldades de saúde mental das crianças; variáveis relativas à mãe, como depressão, e ao apoio social percebido, bem como explorar a relação entre os diferentes tipos de famílias e o grau de estabilidade/instabilidade da adoção.

A análise descritiva das variáveis indicou correlações negativas elevadas do stress parental e as demais dimensões da parentalidade analisadas. Esse resultado sugere que níveis mais altos de stress comprometem significativamente a experiência parental, reduzindo a percepção de competência parental, a expressão de afeto e aceitação em relação aos filhos, a satisfação no exercício da parentalidade adotiva e a avaliação positiva das expectativas em relação à criança e ao processo adotivo. Esses achados estão de acordo com estudos da área, que evidenciam que o stress parental prejudica o ajustamento familiar, sendo que a autoeficácia parental e a concretização de expectativas atuam como fatores protetores (Santos-Nunes et al., 2018; Staines et al., 2019).

Entre as variáveis aceitação, satisfação, expectativas e autoeficácia parental, as correlações foram positivas e elevadas, revelando uma relação estreita entre essas dimensões da parentalidade que refletem a experiência parental de adoção. Este resultado sugere que pais que se percebem mais competentes no exercício da parentalidade também tendem a apresentar níveis mais altos de satisfação com a parentalidade adotiva, expectativas mais ajustadas, além de uma aceitação mais genuína do filho/a. Do mesmo modo, uma relação marcada por aceitação e satisfação pode contribuir para que os pais se sintam mais confiantes em suas funções parentais e com suas expectativas concretizadas. Em conjunto, esses achados reforçam o entendimento de que a qualidade da parentalidade adotiva envolve diferentes dimensões, cujo equilíbrio traduz uma experiência de adoção favorável tanto ao bem-estar dos pais, quanto à

qualidade da interação com os filhos (e.g., Aghakeshmiri et al., 2024; Anthony et al., 2019; Costa et al., 2020; Paine et al., 2021; Santos-Nunes et al., 2018).

A análise de *clusters*, permitiu identificar três grupos distintos de famílias, comprovando a heterogeneidade das famílias adotivas monoparentais participantes. Dois grupos apresentaram características contrastantes e estão situados em extremos opostos (*Clusters* 2 e 3), enquanto um terceiro grupo intermediário apresentou características intermédias (*Cluster* 1). Os *Clusters* diferiram em relação aos recursos parentais apresentados, sendo: *Cluster* 2 – Perfil Adaptativo, com Elevados Recursos Parentais; *Cluster* 1 – Perfil Intermédio, com Recursos Parentais Moderados; e *Cluster* 3 – Perfil Vulnerável, com Baixos Recursos Parentais. A identificação desses perfis confirma a heterogeneidade apontada na literatura sobre as famílias adotivas monoparentais (Pakizegi, 2012), sugerindo que, apesar de compartilharem a característica da monoparentalidade, essas famílias vivenciam experiências parentais diversas (Yorks, 2021). Os resultados mostram que diferentes variáveis de parentalidade, como o stress, a satisfação, a autoeficácia, a aceitação e a concretização de expectativas, interagem entre si, resultando em diferentes padrões de funcionamento familiar. Esses achados corroboram estudos anteriores, que destacam a importância dessas dimensões no contexto da adoção (e.g., Aghakeshmiri et al., 2024; Anthony et al., 2019; Costa et al., 2020; Foli, Lim, & South, 2017; Santos-Nunes et al., 2018; Staines et al., 2019).

O *Cluster* 2, composto por famílias com perfil adaptativo, apresentou os indicadores mais favoráveis no conjunto das variáveis analisadas, com baixos níveis de stress e elevados níveis de aceitação parental, satisfação parental, concretização de expectativas e autoeficácia parental. Esta evidência está em consonância com a literatura da área, que identifica estas variáveis como fatores protetores no exercício da parentalidade adotiva e da experiência de adoção (Aghakeshmiri et al., 2024; Anthony et al., 2019; Paine et al., 2021; Santos-Nunes et al., 2018; Staines et al., 2019). A autoeficácia parental tem sido associada à qualidade do desempenho parental (Glatz et al., 2024; Kohlhoff & Barnett, 2013) e, no contexto da adoção, é apontada como um fator de proteção relevante, contribuindo para a estabilidade da relação (Staines et al., 2019). Além disso, o elevado nível de concretização de expectativas, pode sugerir que estas famílias tendem a apresentar expectativas mais realistas e ajustadas à adoção. Nesse grupo o elevado nível de concretização de expectativas esteve associado a baixos níveis de stress e maior satisfação parental, corroborando evidências anteriores (Santos-Nunes et al., 2018).

O *Cluster* 3, por sua vez, composto por famílias com perfil vulnerável, apresentou elevados níveis de stress e baixos níveis de aceitação, satisfação, expectativas e autoeficácia

parental. Esse perfil pode caracterizar famílias que vivenciam experiências mais desafiadoras, contando com menos recursos parentais, o que pode levar a dificuldades no exercício da parentalidade e na relação parental-filial, aumentando a vulnerabilidade dessas famílias. Esses resultados estão em concordância com evidências anteriores, que associam níveis altos de stress a baixa percepção de competência parental (Raisanen, 2013), por exemplo, e a piores resultados no ajustamento familiar (Costa et al., 2020).

O *Cluster 1*, composto por famílias com perfil intermédio, apresentou níveis moderados em todas as variáveis. Esse perfil pode representar famílias que dispõe de alguns recursos parentais, porém ainda assim enfrentam desafios no exercício da parentalidade adotiva que se traduzem na sua experiência de adoção. Em comparação com o *Cluster 2* (Perfil Adaptativo), o *Cluster 1* apresentou resultados significativamente menos favoráveis em todas as variáveis. Já, em comparação com o *Cluster 3* (Perfil Vulnerável), apresenta níveis mais baixos de stress e maiores níveis de satisfação e autoeficácia parental. Entretanto, não foram observadas diferenças significativas entre estes dois grupos nas variáveis de concretização de expectativas e aceitação parental, o que pode indicar que são pontos de maior fragilidade nas famílias do *Cluster 1*. A literatura evidencia que expectativas não concretizadas tendem a estar associadas a níveis mais elevados de stress parental e menor satisfação com a adoção (Santos-Nunes et al., 2018), enquanto níveis baixos de aceitação parental pode prejudicar a qualidade da relação parental-filial e o ajustamento familiar (Paine et al, 2021). Assim, este *Cluster* pode incluir famílias em processo de adaptação, que podem ser beneficiadas com intervenções para fortalecer as habilidades parentais mais frágeis.

Os resultados obtidos também mostraram associações significativas entre os três *clusters* e as variáveis relacionadas com a saúde mental das mães, com os problemas de comportamento/dificuldades emocionais das crianças, com o apoio social e com o grau de instabilidade da adoção. Quanto à saúde mental das mães, as famílias do *Cluster 2* (Perfil Adaptativo) apresentaram níveis significativamente mais baixos de sintomas depressivos, enquanto as famílias do *Cluster 3* (Perfil Vulnerável) apresentaram níveis significativamente mais altos. Esse resultado está em concordância com evidências anteriores, como o estudo realizado por Anthony et al. (2019), que identificou que pais que apresentavam maior autoeficácia e satisfação no exercício da parentalidade, tinham menores níveis de depressão, e, por outro lado, pais com baixa autoeficácia tendem a experimentar níveis mais elevados de stress parental e ter maior dificuldade no exercício funcional da parentalidade. Um estudo conduzido por Foli, Lim et al. (2017) também demonstrou que a maior concretização de

expectativas parentais em relação aos filhos e à adoção estava associado à diminuição dos sintomas depressivos.

Do mesmo modo, foram observadas diferenças significativas entre os três perfis de família na variável problemas de comportamento/dificuldades emocionais das crianças, com as famílias do *Cluster 2* (Perfil Adaptativo) apresentando níveis significativamente mais baixos do que as do *Cluster 3* (Perfil Vulnerável) e do *Cluster 1* (Perfil Intermédio), os quais apresentaram níveis significativamente altos. Esses resultados sugerem que recursos parentais mais fortalecidos e menor nível de stress estão associados a menores percepções de problemas de comportamento dos filhos, corroborando estudos que apontam a importância da qualidade da parentalidade para o ajustamento dos filhos (Anthony et al., 2019; Glatz et al., 2024; Paine et al., 2021; Kohlhoff & Barnett, 2013). Do mesmo modo, famílias que relatam menos problemas de comportamento dos filhos tendem a apresentar menos stress parental e maiores índices de expectativas concretizadas, aceitação parental e satisfação com a adoção. Esses resultados estão em consonância com estudos que indicam que a percepção de problemas de comportamento nos filhos está diretamente relacionada com níveis mais altos de stress parental (Canzi et al., 2019) e que a aceitação parental (Paine et al., 2021), a concretização de expectativas e a satisfação com a adoção atuam como fatores protetores na adaptação familiar pós-adoção (Costa et al., 2020; Foli, Lim, et al., 2017; Reilly & Platz, 2003).

A relação entre os diferentes perfis de famílias e o índice de instabilidade da adoção revelou que as famílias do *Cluster 2*, caracterizadas por um Perfil Adaptativo, com Elevados Recursos Parentais, apresentaram níveis significativamente inferiores de instabilidade, enquanto as famílias do *Cluster 3* (Perfil Vulnerável, com Baixos Recursos Parentais), e do *Cluster 1* (Perfil Intermédio), apresentaram níveis significativamente mais altos. Esses resultados reforçam a relevância das variáveis parentais analisadas neste estudo - como a aceitação, autoeficácia, satisfação, expectativas e stress parental - para a estabilidade das adoções monoparentais, sugerindo que estas dimensões atuam como fatores protetores no período pós-adoção. A identificação de diferentes perfis que estão associados a diferentes níveis de estabilidade na adoção fornece indicações relevantes para a compreensão dos fatores que podem contribuir para a continuidade e a consolidação dos vínculos familiares no contexto da monoparentalidade adotiva. Esse resultado é inovador, uma vez que, embora tenha evidência anterior demonstrando a associação de diferentes variáveis parentais com a estabilidade da adoção (Barbosa-Ducharme & Marinho, 2019; Palacios et al., 2019), não foram encontrados estudos que tenham focado especificamente as famílias adotivas monoparentais.

No que se refere ao apoio social, existe ampla literatura destacando sua importância para o funcionamento das famílias adotivas (Levy, 2005; Santos et al., 2011), sendo um fator em destaque, especialmente para as famílias monoparentais (Biasutti e Nascimento, 2021; Santos et al., 2011). No presente estudo, entretanto, os resultados foram menos esperados. As famílias do *Cluster* 3, que correspondem ao Perfil Vulnerável, relataram níveis mais altos de apoio social do que as demais famílias (*Clusters* 1 e 2), o que pode refletir uma maior busca destas famílias por apoio frente às dificuldades vivenciadas na monoparentalidade adotiva. Neste sentido, a literatura prévia mostra que mães a *solo* recorrem com maior frequência a diferentes tipos de apoio do que as famílias biparentais; entretanto, o bem-estar dessas mães não depende apenas da existência de uma rede de apoio ampla, mas da percepção de que estes apoios são de qualidade e adequados às suas necessidades (Díez et al, 2016).

Por fim, quanto às variáveis idade da criança, idade de adoção, tempo em acolhimento, tempo na família biológica, tempo de adoção e idade das mães, não foram observadas diferenças estatisticamente significativas entre os *clusters*, indicando que estas variáveis não diferenciam os perfis identificados neste estudo. Embora existam evidências de que a idade da criança no momento da adoção, bem como o tempo de permanência em acolhimento e na família biológica podem estar associados a maior dificuldade de adaptação e instabilidade da adoção (Barbosa-Ducharme & Marinho, 2019, Palacios et al., 2019), os resultados no presente estudo sugerem que, nas famílias monoparentais analisadas, as diferenças no funcionamento parental parecem depender mais de fatores relacionados a forma como vivenciam e gerem a experiência da parentalidade adotiva do que de características sociodemográficas das crianças e das mães ou do histórico prévio das crianças.

O presente estudo apresenta algumas limitações que devem ser consideradas na interpretação dos resultados. Em primeiro lugar, o tamanho da amostra reduzido e a composição apenas por mães, que são fatores que limitam a generalização dos resultados e comparações com outros tipos de famílias adotivas monoparentais. Além disso, tratou-se de um estudo com dados transversais e exclusivamente quantitativos, o que não permite estabelecer relações causais entre as variáveis analisadas e limita a compreensão mais aprofundada das dinâmicas envolvidas nas associações observadas. Estudos futuros com amostras maiores, desenhos longitudinais e a integração de análises qualitativas, poderão aprofundar a compreensão desse grupo familiar. Outra limitação do estudo é que as análises consideraram apenas as percepções das mães, não sendo incluídas as percepções dos filhos.

Não obstante estas limitações, este estudo oferece um contributo significativo para ampliar a compreensão sobre a heterogeneidade das famílias adotivas monoparentais. A

identificação de diferentes perfis parentais associados a diferentes resultados para as mães e os filhos no período pós-adoção destaca a importância de reconhecer e compreender essas especificidades. Ao identificar que fatores relacionados com a experiência parental de adoção, como a autoeficácia, aceitação, expectativas, satisfação e stress parental, estão significativamente ligados à saúde mental das mães, aos comportamentos infantis e à estabilidade da adoção, o estudo reforça a relevância destes constructos para a compreensão dos processos envolvidos na adaptação destas famílias.

Além disso, os resultados obtidos contribuem para combater a estigmatização associada à monoparentalidade adotiva (Agoglia & Rubio, 2019; Poveda et al., 2013; Silva et al., 2017), ao evidenciar que a parentalidade a *solo* pode desenvolver-se de forma positiva quando os recursos parentais estão fortalecidos. Este resultado está em consonância com a literatura, que destaca que processos internos vivenciados por cada família exercem um papel mais significativo do que a própria estrutura familiar (Ceballo et al., 2001).

Nesse sentido, em relação às implicações práticas, esses resultados destacam a importância de intervenções voltadas ao desenvolvimento de competências parentais, especialmente com as famílias com perfil vulnerável e intermédio. Ressalta-se a relevância de trabalhar aspetos como a autoeficácia parental, o desenvolvimento de expectativas realistas em relação à criança e ao processo adotivo, bem como a promoção da aceitação parental, sensibilizando esses pais para o acolhimento genuíno destas crianças e desenvolvimento de empatia em relação à sua história e particularidades. Destaca-se também a necessidade de atenção à saúde mental dos adultos, inclusive já no período anterior à adoção, uma vez que esse cuidado pode ser um fator protetor para a adaptação e estabilidade no pós-adoção. Apesar dos resultados mostrarem que as famílias com perfil vulnerável neste estudo relataram ter maior apoio social, os dados precisam ser analisados com cautela. No contexto da monoparentalidade adotiva, o apoio social é considerado um importante fator protetivo diante das demandas da parentalidade que ficam concentradas em uma única pessoa (Biasutti & Nascimento, 2021; Santos et al., 2011). Redes de apoio diversificadas, como familiares, sociais e profissionais, incluindo programas de apoio pós-adoção que forneçam formação parental e acompanhamento psicológico, podem oferecer importante suporte e contribuir para o ajustamento familiar e a estabilidade da adoção.

Conclusão

O presente estudo procurou preencher uma lacuna identificada na literatura, ao investigar a heterogeneidade dentro das famílias adotivas monoparentais em período pós-

adoção, identificando perfis distintos de famílias, com base em variáveis de experiência parental da adoção. Ademais, caracterizou os perfis identificados relativamente aos problemas de comportamento/dificuldades de saúde mental das crianças, à saúde mental das mães, ao apoio social recebido e ao índice de instabilidade pós-adoção, oferecendo novos contributos empíricos para esta área ainda pouco estudada.

Foram identificados três perfis de famílias – Adaptativo, Intermédio e Vulnerável – caracterizados por combinações específicas das variáveis parentais de stress, autoeficácia, expectativas, satisfação e aceitação parental. Esses perfis revelam a diversidade dentro do grupo das famílias adotivas monoparentais e demonstram que, embora essas famílias compartilhem a característica da parentalidade a *solo*, elas vivenciam experiências parentais bastante distintas.

Os resultados apontaram que as variáveis parentais estudadas demonstram desempenhar um importante papel na dinâmica pós-adoção. As famílias com recursos parentais elevados apresentaram níveis baixos de sintomas depressivos, perceberam menos problemas de comportamento/dificuldades de saúde mental nos filhos e apresentaram índices significativamente menores de instabilidade na adoção. Por outro lado, as famílias caracterizadas por níveis de stress elevados e menores perceções de competência parental, menor aceitação dos filhos, baixa concretização de expectativas e satisfação parental mostraram-se mais vulneráveis à instabilidade. Esses resultados corroboram a literatura sobre famílias adotivas e reforçam a importância das dimensões da parentalidade avaliadas para a adaptação familiar e a estabilidade do vínculo adotivo. Entretanto, desconhecem-se estudos que tenham avaliado estas dimensões no contexto da monoparentalidade adotiva, o que torna esta pesquisa relevante ao trazer evidências inéditas nesse campo.

Em síntese, ao investigar de forma específica o contexto das famílias adotivas monoparentais no período pós-adoção, este trabalho amplia a compreensão sobre os fatores que favorecem ou dificultam a adaptação familiar e a estabilidade da adoção. Ademais, evidencia a complexidade deste processo, marcado pela existência de distintos perfis parentais e pela diversidade de experiências vividas por essas famílias. Por fim, os resultados apontam para a necessidade de políticas públicas que disponibilizem suporte específico a essas famílias no pós-adoção, com foco em fortalecer recursos parentais e redes de apoio de qualidade, considerando que muitas famílias se sentem desamparadas diante da ausência de acompanhamento profissional neste período.

Referências

- Aghakeshmiri, A., Soleimanian, A. A., & Golpich, Z. (2024). An integrative parenting program for adoptive families: A mixed-method study. *Practice in Clinical Psychology*, 12(2), 137-152. <https://doi.org/10.32598/jpcp.12.2.924.1>
- Agoglia, S. I., & Rubio, J. M. I. (2019). Adopciones monoparentales de niños y niñas con "necesidades especiales": Entre el déficit y el empoderamiento. *Papers. Revista De Sociologia*, 104, 661–686. <https://doi.org/10.5565/rev/papers.2502>
- Agoglia, S. I., & Torralba, H. G. (2015). Monoparentalidades electivas en Chile: Emergencias, tensiones y perspectivas. *Psicoperspectivas*, 14(2), 40-50. <https://doi.org/10.5027/psicoperspectivas-Vol14-Issue2-fulltext-541>
- Algarvio, S., Leal, I., & Maroco, J. (2018). Parental Stress Scale: Validation study with a Portuguese population of parents of children from 3 to 10 years old. *Journal of Child Health Care*, 22, 563-576. <https://doi.org/10.1177/1367493518764337>
- Almeida, A., Abreu-Lima, I., Cruz, O., Gaspar, M. F., Brandão, T., Alarcão, M., Santos, M. R., & Machado, J. C. (2012). Parent education interventions: Results from a national study in Portugal. *European Journal of Developmental Psychology*, 9(1), 135-149. <https://doi.org/10.1080/17405629.2011.647865>
- Anthony, R. E., Paine, A. L., & Shelton, K. H. (2019). Depression and anxiety symptoms of British adoptive parents: A prospective four-wave longitudinal study. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 16(24), 5153. <https://doi.org/10.3390/ijerph16245153>
- Arranz, E., Oliva, A., Olabarrieta, F., & Antolín, L. (2010). Análisis comparativo de las nuevas estructuras familiares como contextos potenciadores del desarrollo psicológico infantil. *Journal for the Study of Education and Development*, 33, 503–513. <https://doi.org/10.1174/021037010793139653>
- Barbosa-Ducharne, M., Henrique, B., & Soares, J. (2024, July). *Mapping (In)Stability in Post Adoption: An Adoption Instability Index for Adoption Research and Practice* [Oral presentation]. 8th International Conference on Adoption Research (ICAR8), Minneapolis, MN, United States.
- Barbosa-Ducharne, M., & Marinho, S. (2019). Beyond the child's age at placement: Risk and protective factors in preadoption breakdown in Portugal. *Research on Social Work Practice*, 29(2), 143–152. <https://doi.org/10.1177/1049731518783855>

- Barbosa-Ducharne, M., & Soares, J. (2021a). *Escala de Stress Parental* [Instrumento não publicado]. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.
- Barbosa-Ducharne, M., & Soares, J. (2021b). *Escala de Concretização de Expectativas Parentais* [Instrumento não publicado]. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.
- Barbosa-Ducharne, M., & Soares, J. (2021c). *The Portuguese version of the Brief Assessment Checklist for Children* (BAC-C) [Unpublished instrument]. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.
- Barbosa-Ducharne, M., & Soares, J. (2021d). *The Portuguese version of the Brief Assessment Checklist for Adolescents* (BAC-A) [Unpublished instrument]. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.
- Barbosa-Ducharne, M., & Soares, J. (2021e). *Questionário da Rede de Suporte e Apoio Especializado para Famílias Adotivas* [Instrumento não publicado]. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.
- Barbosa-Ducharne, M., Soares, J., Palacios, J., Baptista, J., Alves, D., Cruz, O., Abreu Lima, I., Canário, C., Magalhães, E. (2023). *AdoPt - Adoptive families' strengths, difficulties, and service needs: A Portuguese follow-up study*.
<https://doi.org/10.17605/OSF.IO/2K3MB>
- Barbosa-Ducharne, M., Vilhena, I., Henrique, B., & Soares, J. (2021). *Escala de Aceitação Parental* [Instrumento não publicado]. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.
- Benatti, A. P., Campeol, Â. R., Machado, M. S., & Pereira, C. R. R. (2021). Famílias monoparentais: Uma revisão sistemática da literatura. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 41(spe3), e209634. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003209634>
- Bernardi, L., & Larenza, O. (2018). Variety of transitions into lone parenthood. In L. Bernardi & D. Mortelmans (Eds.), *Lone parenthood in the life course* (Vol. 8, pp. 93–108). Springer. https://doi.org/10.1007/978-3-319-63295-7_5
- Berry, J., & Jones, W. H. (1995). The parental stress scale: Initial psychometric evidence. *Journal of Social and Personal Relationships*, 12(3), 463-472.
<https://doi.org/10.1177/0265407595123009>
- Biasutti, C. M., & Nascimento, C. R. R. (2021). The adoption process in single-parent families. *Journal of Human Growth and Development*, 31(1), 47-57.
<https://doi.org/10.36311/jhgd.v31.10364>

- Canzi, E., Ranieri, S., Barni, D., & Rosnati, R. (2019). Predictors of parenting stress during early adoptive parenthood. *Current Psychology*, 38, 811–820.
<https://doi.org/10.1007/s12144-017-9657-x>
- Ceballo, R., Stewart, A. J., Abbey, A., & Lansford, J. E. (2001). Does family structure matter? A comparison of adoptive, two-parent biological, single-mother, stepfather, and stepmother households. *Journal of Marriage and Family*, 63, 840–851.
<https://doi.org/10.1111/j.1741-3737.2001.00840.x>
- Costa, I., Barbosa-Ducharne, M., Palacios, J., & Soares, J. (2020). Predictors of parenting stress in Portuguese adolescents' adoptive parents. *Child & Family Social Work*, 25(1), 178–187. <https://doi.org/10.1111/cfs.12756>
- Díez, M., González, M., & Morgado, B. (2021). Single mothers by choice in Spain: Parenting and psychosocial adjustment in adopted and ART children. *Journal of Family Psychology*, 35, 767–779. <https://doi.org/10.1037/fam0000680>
- Díez, M., Morgado, B., & González, M. M. (2016). El apoyo social y la satisfacción vital, factores clave en el caso de las madres adoptivas solas. *Apuntes de Psicología*, 34(2-3), 139–149. <https://doi.org/10.55414/ap.v34i2-3.605>
- Foli, K. J., Hebdon, M., Lim, E., & South, S. C. (2017). Transitions of adoptive parents: A longitudinal mixed methods analysis. *Archives of Psychiatric Nursing*, 31, 483–492. <https://doi.org/10.1016/j.apnu.2017.06.007>
- Foli, K. J., Lim, E., & South, S. C. (2017). Longitudinal analyses of adoptive parents' expectations and depressive symptoms. *Research in Nursing & Health*, 40, 564–574. <https://doi.org/10.1002/nur.21838>
- Georgas, J. (2006). Families and family change. In J. Georgas, J. W. Berry, F. J. R. van de Vijver, Ç. Kağıtçıbaşı, & Y. H. Poortinga (Eds.), *Families across cultures: A 30-nation psychological study* (pp. 3–50). Cambridge University Press.
- Glatz, T., Lippold, M., Chung, G., & Jensen, T. M. (2024). A systematic review of parental self-efficacy among parents of school-age children and adolescents. *Adolescent Research Review*, 9(1), 75–91. <https://doi.org/10.1007/s40894-023-00216-w>
- Hair, J., Anderson, R., Tatham, R., & Black, W. (1998). *Multivariate data analysis* (5th ed.). Prentice Hall.
- Jociles, M. I., Rivas, A. M., & Poveda, D. (2012). Las representaciones expertas sobre las solicitantes individuales en los procesos de adopción. *Revista De Antropología*, 67, 535–558. <https://doi.org/10.3989/rdtp.2012.21>

- Kohlhoff, J., & Barnett, B. (2013). Parenting self-efficacy: Links with maternal depression, infant behaviour, and adult attachment. *Early Human Development*, 89, 249–256. <https://doi.org/10.1016/j.earlhumdev.2013.01.008>
- Layne, L. L. (2015). “I have a fear of really screwing it up”: The fears, doubts, anxieties, and judgments of one American single mother by choice. *Journal of Family Issues*, 36, 1154–1170. <https://doi.org/10.1177/0192513X14533545>
- Levy, L. (2005). Famílias monoparentais adotivas: A importância de uma rede de apoio. In T. Féres-Carneiro (Org.), *Família e casal: Efeitos da contemporaneidade* (pp. 50-57). PUC-Rio.
- Levy, L., & Féres-Carneiro, T. (2002). Famílias monoparentais femininas: Um estudo sobre a motivação de mulheres que adotam. *Interação em Psicologia*, 6, 243-250. <http://doi.org/10.5380/psi.v6i2.3312>
- Lorijn, S. J., Engels, M. C., Huisman, M., & Veenstra, R. (2022). Long-term effects of acceptance and rejection by parents and peers on educational attainment: A study from pre-adolescence to early adulthood. *Journal of Youth and Adolescence*, 51, 540–555. <https://doi.org/10.1007/s10964-021-01506-z>
- Mackenzie, J. (2023). “I had to work through what people would think of me”: Negotiating ‘problematic single motherhood’ as a solo or single adoptive mum. *Critical Discourse Studies*, 20(1), 88–105. <https://doi.org/10.1080/17405904.2021.1997775>
- Marinho, S., Barbosa-Ducharme, M., & McRoy, R. (2012). Predictors of adoption disruption and permanency. In *Proceedings of the XV European Conference on Developmental Psychology* (pp. 225–233). Medimond.
- McKay, K., Ross, L. E., & Goldberg, A. E. (2010). Adaptation to parenthood during the post-adoption period: A review of the literature. *Adoption Quarterly*, 13(2), 125–144. <https://doi.org/10.1080/10926755.2010.481040>
- Mixão, M. L., Leal, I., & Maroco, J. (2010). Escala de stress parental. In I. Leal & J. Maroco (Eds.), *Avaliação em sexualidade e parentalidade* (pp. 187-206). LivPsic.
- Nalavany, B., Glidden, L., & Ryan, S. (2009). Parental satisfaction in the adoption of children with learning disorders: The role of behavior problems. *Family Relations*, 58, 621–633. <https://doi.org/10.1111/j.1741-3729.2009.00579.x>
- Oliva, A., Arranz, E., Parra, A., & Olabarrieta, F. (2014). Family structure and child adjustment in Spain. *Journal of Child and Family Studies*, 23(1), 10-19. <https://doi.org/10.1007/s10826-012-9681-2>

- Orme, J. G., Cuddeback, G. S., Buehler, C., Cox, M. E., & Le Prohn, N. S. (2007). Measuring foster parent potential: Casey foster parent inventory-applicant version. *Research on Social Work Practice*, 17(1), 77–92. <https://doi.org/10.1177/1049731506295084>
- Paine, A. L., Perra, O., Anthony, R., & Shelton, K. H. (2021). Charting the trajectories of adopted children's emotional and behavioral problems: The impact of early adversity and postadoptive parental warmth. *Development and Psychopathology*, 33, 922– 936. <https://doi.org/10.1017/S0954579420000231>
- Pakizegi, B. (2007). Single-parent adoptions and clinical implications. In A. R. Javier, A. Baden, F. Biafora, & A. Camacho-Gingerich (Eds.), *Handbook of adoption: Implications for researchers, practitioners, and families* (pp. 190–216). Sage Publications.
- Pakizegi, B. (2012). Adolescent adoptees of single mothers by choice. *International Journal of Humanities and Social Science*, 2(1), 173–188. https://www.ijhssnet.com/journals/Vol_2_No_1_January_2012/15.pdf
- Palacios, J., Rolock, N., Selwyn, J., & Barbosa-Ducharme, M. (2019). Adoption breakdown: Concept, research, and implications. *Research on Social Work Practice*, 29(2), 130–142. <https://doi.org/10.1177/1049731518783852>
- Pandya, S. P. (2023). Single adoptive parents and their adoptee adolescents: Building parenting competencies and secure attachments. *Adoption Quarterly*, 26(2), 107–137. <https://doi.org/10.1080/10926755.2022.2155895>
- Poveda, D., Jociles, M. I., & Rivas, A. M. (2013). Professional discourses on single parenthood in international adoptions in Spain. *PoLAR*, 36(1), 35-55. <https://doi.org/10.1111/plar.12002>
- Projeto Adopt. (2021). *Questionário Sociodemográfico* [Instrumento não publicado]. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.
- Radloff, L. S. (1977). The CES-D scale: A self-report depression scale for research in the general population. *Applied Psychological Measurement*, 1(3), 385–401. <https://doi.org/10.1177/014662167700100306>
- Raisanen, E. D. (2013). *The role of hardiness, family hardiness, and parenting self-efficacy on parenting stress in adoptive parents* [Master's thesis, University of Southern Mississippi]. University of Southern Mississippi Institutional Repository. https://aquila.usm.edu/masters_theses/518

- Raleigh, E. (2012). Are same-sex and single adoptive parents more likely to adopt transracially? A national analysis of race, family structure, and the adoption marketplace. *Sociological Perspectives*, 55, 449–471.
<https://doi.org/10.1525/sop.2012.55.3.449>
- Reilly, T., & Platz, L. (2003). Characteristics and challenges of families who adopt children with special needs: An empirical study. *Children and Youth Services Review*, 25, 781–804. [https://doi.org/10.1016/S0190-7409\(03\)00079-3](https://doi.org/10.1016/S0190-7409(03)00079-3)
- Roskam, I., & Mikolajczak, M. (2023). Parental burnout in the context of special needs, adoption, and single parenthood. *Children*, 10(7), 1131.
<https://doi.org/10.3390/children10071131>
- Rubio, M. I. J., & Pérez, F. V. (2012). Madres solteras por elección: Representaciones sobre la fecundación sexual como vía de acceso a la maternidade. *Chungará (Arica)*, 44, 717–731. <http://dx.doi.org/10.4067/S0717-73562012000400012>
- Ruggles, S. (2015). Patriarchy, power, and pay: The transformation of American families, 1800–2015. *Demography*, 52, 1797–1823. <https://doi.org/10.1007/s13524-015-0440-z>
- Sánchez-Sandoval, Y. (2011). Satisfacción con la adopción y con sus repercusiones en la vida familiar [Adoptive parents' satisfaction with the adoption experience and with its impact on family life]. *Psicothema*, 23, 630–635.
<https://www.psicothema.com/pdf/3933.pdf>
- Santos, C. P., Fonsêca, M. C. S. M., Fonsêca, C. M. S. M. S., & Dias, C. M. S. B. (2011). Adoção por pais solteiros: Desafios e peculiaridades dessa experiência. *Psicologia: Teoria e Prática*, 13(2), 89–102.
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872011000200007&lng=pt&tlng=pt
- Santos-Nunes, M., Narciso, I., Vieira-Santos, S., & Roberto, M. S. (2018). Adoptive parents' evaluation of expectations and children's behavior problems: The mediational role of parenting stress and parental satisfaction. *Children and Youth Services Review*, 88, 11–17. <https://doi.org/10.1016/j.childyouth.2018.02.044>
- Schaefer, E. S. (1965). Children's reports of parental behavior: An inventory. *Child Development*, 36, 413–426. <https://doi.org/10.2307/1126465>
- Schludermann, E., & Schludermann, S. (1970). Replicability of factors in children's report of parent behavior (CRPBI). *The Journal of Psychology: Interdisciplinary and Applied*, 76, 239–249. <https://doi.org/10.1080/00223980.1970.9916845>

- Schumm, W. R., & Hall, J. (2007). Kansas Parental Satisfaction Scale (KPS). In J. Fischer & K. J. Corcoran (Eds.), *Measures for clinical practice and research: A sourcebook* (4th ed., Vol. 1, pp. 357–358). Oxford University Press.
- Seeman, M. V. (2018). Single men seeking adoption. *World Journal of Psychiatry*, 8(3), 83–87. <https://doi.org/10.5498/wjp.v8.i3.83>
- Silva, E., & Smart, C. (Eds.). (1998). *The new family?* Sage.
- Silva, P. S., Silva, E. X. L., Lopes, R. C. S., & Frizzo, G. B. (2017). Diferentes configurações familiares de candidatos à adoção: Implicações para os processos de habilitação. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 22, 412-421. <https://doi.org/10.22491/1678-4669.20170042>
- Soares, J. L., & Barbosa-Ducharme, M. (2021). *The Portuguese version of the Kansas Parental Satisfaction Scale* [Instrumento não publicado]. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.
- Soares, J. L., Henrique, B., Vilhena, M. I., & Barbosa-Ducharme, M. (2021a). *The Portuguese version of the Brief Parental Self Efficacy Scale* (BPSES) [Unpublished manuscript]. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.
- Soares, J. L., Henrique, B., Vilhena, M. I., & Barbosa-Ducharme, M. (2021b). *The Portuguese version of the Center of Epidemiologic Studies Depression Scale* (CES-D) [Unpublished manuscript]. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.
- Sohr-Preston, S. L., Kliebert, H., Moreno, O., Dugas, T., & Zepeda, D. (2017). Expectations of male and female adoptive parents of different marital status and sexual orientation. *International Journal of Psychological Studies*, 9(3), 92-104. <http://doi.org/10.5539/ijps.v9n3p92>
- Souza, A. P. (2008). *Estudo comparativo das famílias monoparentais masculinas e monoparentais femininas: A influência do genitor no desenvolvimento familiar* [Dissertação de mestrado, Universidade Estadual Paulista]. Repositório Institucional Unesp. <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/98515>
- Staines, J., Golding, K., & Selwyn, J. (2019). Nurturing attachments parenting program: The relationship between adopters' parental reflective functioning and perception of their children's difficulties. *Developmental Child Welfare*, 1(2), 143–158. <https://doi.org/10.1177/2516103219829861>
- Tan, T. X. (2004). Child adjustment of single-parent adoption from China: A comparative study. *Adoption Quarterly*, 8(1), 1–20. https://doi.org/10.1300/J145v08n01_01

- Tarren-Sweeney, M. (2013). The Brief Assessment Checklists (BAC-C, BAC-A): Mental health screening measures for school-aged children and adolescents in foster, kinship, residential and adoptive care. *Children and Youth Services Review*, 35, 771–779. <https://doi.org/10.1016/j.chidyouth.2013.01.025>
- Tarren-Sweeney, M. (2019). *Mental health screening and monitoring for children in care: A short guide for children's agencies and post-adoption services*. Routledge. <https://doi.org/10.4324/9781315102078>
- Tarren-Sweeney, M., Goemans, A., Hahne, A. S., & Gieve, M. (2019). Mental health screening for children in care using the Strengths and Difficulties Questionnaire and the Brief Assessment Checklists: Guidance from three national studies. *Developmental Child Welfare*, 1(2), 177-196. <https://doi.org/10.1177/2516103219829756>
- Thomas, K. J. A., & Gibby, A. L. (2019). Adoption status and disparities in the familial configurations of children. *Journal of Family Issues*, 40, 464–487. <https://doi.org/10.1177/0192513X18812147>
- Van Gasse, D., & Mortelmans, D. (2020). With or without you – Starting single-parent families: A qualitative study on how single parents by choice reorganise their lives to facilitate single parenthood from a life course perspective. *Journal of Family Issues*, 41, 1380–1404. <https://doi.org/10.1177/0192513X20911971>
- Woolgar, M., Humayun, S., Scott, S., Dadds, M. R. (2023). *I know what to do; I can do it; it will work: The Brief Parental Self-Efficacy Scale (BPSES) for parenting interventions*. *Child Psychiatry & Human Development*, 56(3), 619–628. <https://doi.org/10.1007/s10578-023-01583-0>
- White, K. R. (2016). Placement discontinuity for older children and adolescents who exit foster care through adoption or guardianship: A systematic review. *Child & Adolescent Social Work Journal*, 33, 377–394. <https://doi.org/10.1007/s10560-015-0425-1>
- Yorks, J. (2021). Singled out no longer: The changing narratives and types of single-parent families. *Sociology Compass*, 16(2), e12951. <https://doi.org/10.1111/soc4.12951>

Tabela 1

Variáveis da Experiência da Adoção nas Famílias Adotivas Monoparentais: Estatística Descritiva e Matriz de Correlações (N = 23)

Variável	<i>M</i>	<i>DP</i>	Min.-Máx.	1	2	3	4	5
1. Stress Parental	2.22	0.79	1.22-4.33	-				
2. Concretização de Expectativa Parental	3.39	0.71	2.07-4.43	-.62**	-			
3. Aceitação Parental	2.70	0.41	1.80-3.00	-.66***	.55**	-		
4. Satisfação Parental	5.32	1.49	1.67-7.00	-.84***	.60**	.77***	-	
5. Autoeficácia Parental	4.12	0.69	2.60-5.00	-.80***	.46*	.53**	.78***	-

Notas. *** $p < .001$. ** $p < .010$. * $p < .050$.

Tabela 2*Análise Comparativa dos Clusters nas Variáveis de Experiência da Adoção (N = 23)*

	Cluster 1 (n = 6)	Cluster 2 (n = 15)	Cluster 3 (n = 2)	F (2, 22)	η^2
Stress Parental	2.81 ^a	1.76 ^b	3.92 ^c	40.78***	.80
Concretização de Expectativa Parental	2.92 ^a	3.70 ^b	2.43 ^a	7.39**	.43
Aceitação Parental	2.42 ^a	2.90 ^b	2.00 ^a	12.07***	.55
Satisfação Parental	4.17 ^a	6.22 ^b	2.00 ^c	64.61***	.87
Autoeficácia Parental	3.80 ^a	4.45 ^b	2.60 ^c	19.40***	.66

Notas. As diferentes letras representam diferenças entre os *clusters* ($p < .001$). Conforme Cohen (1988): $\eta^2 < .01$ – tamanho de efeito pequeno; $\eta^2 \approx .06$ – tamanho de efeito médio; e $\eta^2 \geq .14$ – tamanho de efeito grande. *Cluster 1* – Perfil Intermédio, com Recursos Parentais Moderados; *Cluster 2* – Perfil Adaptativo, com Elevados Recursos Parentais; *Cluster 3* – Perfil Vulnerável, com Baixos Recursos Parentais.

*** $p < .001$. ** $p < .010$.

Tabela 3

Análise Comparativa dos Clusters: Impacto de Variáveis das Mães, das Crianças, do Passado das Crianças, da Relação e do Apoio Social

	Cluster 1 (n = 6)	Cluster 2 (n = 15)	Cluster 3 (n = 2)		
	M (DP)	M (DP)	M (DP)	F (2, 22)	η^2
Idade das mães	49.33 (5.20) ^a	48.80 (4.55) ^a	54.50 (4.95) ^a	1.28	.11
Idade das mães no momento da adoção	43.64 (5.15) ^a	42.35 (4.60) ^a	47.08 (4.01) ^a	0.94	.09
Depressão materna	0.95 (0.44) ^a	0.34 (0.33) ^b	2.30 (0.42) ^c	28.04***	.74
Idade da criança	11.85 (6.09) ^a	11.81 (4.21) ^a	10.88 (1.59) ^a	0.04	.00
Problemas comportamentais/dificuldades de saúde mental da criança	1.03 (0.17) ^a	0.58 (0.35) ^b	1.45 (0.21) ^a	9.10**	.50
Idade da criança no momento da adoção	6.15 (2.76) ^a	5.36 (3.51) ^a	3.46 (0.65) ^a	0.52	.05
Tempo de acolhimento	2.82 (1.46) ^a	3.00 (1.75) ^a	2.67 (0.35) ^a	0.05	.01
Tempo na família biológica	3.34 (3.04) ^a	2.14 (2.35) ^a	0.79 (0.30) ^a	0.93	.09
Tempo de adoção	5.70 (4.12) ^a	6.45 (3.19) ^a	7.42 (0.94) ^a	0.22	.02
Instabilidade	2.81 (0.35) ^a	1.78 (0.39) ^b	4.24 (0.51) ^c	44.20***	.82
Apoio social	2.09 (0.28) ^a	2.59 (0.50) ^a	3.15 (0.76) ^b	4.49*	.31

Notas. As diferentes letras representam diferenças entre os *clusters* ($p < .001$). Conforme Cohen (1988): $\eta^2 < .01$ – tamanho de efeito pequeno; $\eta^2 \approx .06$ – tamanho de efeito médio; e $\eta^2 \geq .14$ – tamanho de efeito grande.

Cluster 1 – Perfil Intermédio, com Recursos Parentais Moderados; *Cluster 2* – Perfil Adaptativo, com Elevados Recursos Parentais; *Cluster 3* – Perfil Vulnerável, com Baixos Recursos Parentais.

*** $p < .001$. ** $p < .010$. * $p < .050$.

